

Revolução socialista na encruzilhada

Leonardo Padura. *O homem que amava os cachorros*. Tradução de Helena Pitta. São Paulo, Boitempo, 2014, 589pp.

Edson Passetti

Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, Brasil. Contato: passetti@matrix.com.br.

Os anarquistas não cansavam de bradar que uma revolução em direção à ocupação do Estado, incluindo a reforma do seu aparelho, as adequações de direitos e a condução dirigente da economia planificada pela vanguarda apenas reiteraria o ciclo das revoluções modernas, reposicionando a centralidade do poder, muitas vezes de forma autoritária. O longo debate entre anarquistas e marxistas, desde o século XIX até hoje, acende a discussão pelo mesmo diapasão.

Leonardo Padura, escritor cubano, decide enfrentar os limites do autoritarismo revolucionário desde seu país por meio de um escritor bissexto chamado Iván, passando pelos exílios de Trotski e a presença de Ramón Mercader, seu matador, em variados espaços de formação de um assassino de Estado. Os três personagens amam e estão enovelados em um

circuito de trapaças e traições. Mas o personagem central desta novela é mesmo Joseph Stalin, situado como o tirano, a encarnação do mal, o responsável pelos descaminhos da revolução...

Ao leitor iniciado no assunto não é difícil recordar as várias notícias conhecidas sobre a personalidade de Stalin e os rumos da revolução socialista na URSS. Dentre as diversas lembranças, há uma emblemática em breve passagem sobre Mikhail Kalinin, presidente do Soviete Supremo de 1922 a 1946, narrada com humor cáustico por Milan Kundera em *A festa da insignificância* (2014). Kundera descreve o poder de Stalin diante de um velho com problemas na próstata que lhe servia: a cada dez minutos Kalinin interrompia seu discurso para urinar, saía da sala, era motivo de

piadas de Stalin e retornava, até chegar o momento em que o tirano o obrigava a manter-se falando para que ao final da sessão o presidente se levantasse com as calças molhadas. Para homenageá-lo, Stalin, em 1945, rebatizou Königsberg, cidade natal de Immanuel Kant, como Kaliningrado. Todavia, Kundera não acrescenta que, antes disso, em 1931, Stalin já havia renomeado a cidade de Tver, na União Soviética, como Kalinin, que, obviamente, voltou a ser Tver, em 1990. O livro de Padura foca diretamente os efeitos das medidas de Stalin visando à continuidade político-institucional do regime e o faz de modo contundente. Escapam-lhe as minúcias do poder porque o centro de sua argumentação concentra-se no embate ideológico entre Stalin e Trotski. Aposta na busca de objetividade por meio de documentos, o que não priva o leitor de uma descrição moral sobre o mal.

O livro, na edição da Boitempo, é apresentado por Frei Betto que o inclui como uma reflexão sobre as utopias do século passado e “os dilemas do mundo em que vivemos”. O prefácio de Gilberto Maringoni, professor da Universidade Federal do ABC e candidato do PSOL ao governo do Estado de São Paulo nas eleições de

2014, mostra seu conhecimento da obra de Leiv Davidovitch Bronstein e introduz a longa trajetória de Jaime Ramón Mercader Del Rio Hernández como o assassino escolhido. Alerta ao leitor: “avaliar que Stalin, Trotski e Ramón Mercader eram fanáticos a serviço de causas autoritárias pode ser cômodo. Porém, é a melhor maneira de se interditar qualquer análise. Fanatismos não se discutem, pois encerram em si mesmos um diagnóstico. Adotar o discurso de que se estaria diante de um grande mal e de que o criador do Exército vermelho teria sido vítima dessa anomalia leva as reflexões para o terreno da moral. E, no terreno da moral, deve ser eliminado e ponto. Cortem-se as ervas daninhas, e a vida social pode florescer vigorosa e tranquila” (pp. 12-13). Maringoni de uma tacada só limpa o terreno dos julgamentos stalinistas e liberais; orienta o leitor para acompanhar os eventos que constroem um exilado revolucionário e suas contundentes críticas aos descaminhos da revolução, incluindo a necessidade de uma revolução do proletariado contra a nova classe burocrático-militar capitaneada por Stalin; traça as situações ondulatórias de acertos com o nazismo e o fascismo na

intensidade dos episódios da II Guerra Mundial; e dentre várias incursões diretas ao trecho do livro, termina esperançoso na revolução, afirmando que “as misérias da esquerda — embora sérias e dramáticas — não podem mais ser brandidas como argumento aos propagadores da ideia que o mundo nunca vai mudar” (p. 21).

O leitor está ambientado para o caudaloso, denso e reflexivo livro de Padura, publicado em vários idiomas. Aos leitores de Trotski — de *História da revolução russa*, dos embates com Lenin desde *O que fazer?*, passando pelo importante ensaio de Leôncio Martins Rodrigues e Ottaviano de Fiore (“Lênin e a sociedade soviética: o capitalismo de Estado e a burocracia ,1918-1923”, publicado nos Estudos Cebrap nos anos 1970), pela biografia de Karl Deutch, os estudos históricos sobre a Revolução espanhola de diversos matizes ideológicos e políticos, as análises internacionalistas sobre documentações a respeito da II Guerra, até mesmo por ter ouvido falar de Trotski, como o narrador cubano Iván ou de trotskismo pelos estudantes universitários de hoje, e de arte e revolução apanhadas em suas dimensões estéticas— e aos não

leitores de Trotski chega o convite para entrar numa história conturbada e obsessiva do século passado.

Se hoje democracia é a principal palavra-chave que orienta o vocabulário político das *esquerdas* do Estado, isso não é apenas um efeito da racionalidade neoliberal; é também a declaração de crença na revolução aos moldes marxistas, ainda que repaginada com a supressão do partido dirigente. As novas encruzilhadas vão se construindo sob o impacto da relação Império-Multidão, como defendem Michael Hardt e Antonio Negri, mais concretamente do que qualquer revisão sobre erros ou equívocos, já tão bem enunciados desde o ensaio de Rosa Luxemburg “A revolução russa”, descartado de imediato por Lenin.

Todos amam cachorros: Iván, Trotski, Ramón Mercader. E, a seu modo, todos eles amam a revolução. Iván reconstrói Cuba antes e depois do fim da Guerra Fria; Trotski revisa a revolução, instiga a uma IV Internacional, escreve aos borbotões, isolado em suas fortalezas de exilado (URSS, Turquia, Noruega, França, México), vigiadas por guarda-costas; Ramón, com seus vários pseudônimos, treinado e envolto em uma ideia-fixa, peregrina e se prepara para o grande

momento até a posterior coloquial e estratégica confissão. Todos amam o melhor amigo do homem e os três permanecem envoltos na relação própria do poder soberano: medo e esperança. Nenhum deles consegue pensar e agir senão diante do soberano que governa seu território e que pelas forças da *inteligência policial de Estado* e da pressão política nas relações internacionais se imiscui em outras regiões para levar adiante seus propósitos revolucionários internacionalistas. De fato, nenhum deles é fanático; estão conectados a uma racionalidade revolucionária. Suas vidas se ajustam a uma finalidade. Daí a profusão de autocríticas juramentadas e condenadas pelo regime soviético, a intransigência crítica de Trotski, a obsessão de Ramón e a leveza e a compaixão de Iván redigindo as confissões de Mercader, e lendo o desconhecido Trotski em Cuba. Todos amam cachorros: em 1960, antes da crise dos mísseis em Cuba em 1962, num jantar em Viena, Jacqueline Kennedy sentou-se ao lado de Nikita Krushchov e perguntou-lhe a respeito da cadela Strelka, que realizara viagem espacial, e sobre seus filhotes, nascidos após o voo. No ano seguinte, Caroline, filha

do casal presidencial, recebeu de presente Prushinka, filhote de Strelka que cruzará com um cachorro dos Kennedy. O presidente passou a chamar esses filhotes de *pupniks* (fusão de *puppies* com *Sputinik*).

Ainda que sejamos surpreendidos pelo jogo das caixas estranhas ao final do livro, este se encerra com o clássico “Estamos fodidos”, próprio dos que como Iván se deixaram governar pelo medo, diluídos em uma massa anônima que compõe a geração que “deve constatar sua derrota histórica”. Por isso a compaixão de Iván para com Ramón, Trotski e para consigo mesmo. Padura produz um réquiem de encerramento para dar conta de sua gigantesca leitura do acontecimento pelo vértice da fraternidade, esse terceiro ângulo do triângulo herdado da Revolução Francesa. Não se trata mais de liberdade ou igualdade como vetores principais, mas da secularizada fraternidade. E, neste âmbito, Padura se alinha à contemporânea difusão da democracia fundada em direitos, ecumenismo e amor que dá conta do desenvolvimento sustentável como novo fluxo produtivo de formação do homem como capital humano, e sob o qual Cuba se reorganiza, mais diretamente, desde 2007. Entre

a ordem da racionalidade neoliberal e o que se supõe alternativo, a ideia de revolução também passa por reformas, assim como emergem novas modulações do Iluminismo. Gilles Deleuze, em seu “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”, no início da década de 1990, livre da melancolia, dizia: “muitos jovens pedem estranhamente para serem ‘motivados’, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas.” Trata-se, então, de *sair* de um espaço para ocupar espaços *outros*. E se a reflexão sobre o passado é fundamental ela também não pode estar restrita à metamorfose de uma ideia-fixa.

Padura, entretanto, incursiona nos meandros das causas e efeitos dos grandes problemas para os revolucionários marxistas: levar adiante o socialismo, como equacionar ou combater a crítica à sua forma, a situação em um país periférico, a vocação para o imperialismo e o estatismo, os julgamentos, expurgos, e matanças acoplados a uma exclusiva forma *justa* de revolucionar. Padura, em entrevista ao programa Roda Viva

da TV Cultura de São Paulo, em 16/07/2015, depois de participar da Flip-2015 em Paraty, declarou ainda acreditar nas melhorias do socialismo cubano, em sua democratização, no fortalecimento das relações de amizade entre os cidadãos e, esperançoso, aguarda pelos novos dias. É isso que faz com que ele permaneça em solo cubano. Seu jeito tranquilo e convicto muitas vezes contrasta com a contundência crítica de outro autor cubano, Pedro Juan Gutierrez, de quem conhecemos em língua portuguesa, principalmente, *O rei de Havana* e *Trilogia suja de Havana*, e com as *esperanças* empresariais de investimento no cubano como capital humano, após a readmissão de Cuba pela OEA em 2009, medida que a *ilha* recusou. Entretanto, em 2015, aceitou sua inclusão na Cúpula das Américas e iniciou a reabertura de relações com os Estados Unidos da América.

O livro divide-se em três partes: a primeira situa Trotski até a sua chegada ao México, a formação de Ramón e a vida de aspirante a escritor de Iván, que admirava Mario Vargas Llosa, redigindo seus escritos inspirado nas conhecidas divisões literárias de Llosa, ou seja, cada capítulo trata o ponto de vista de

um personagem, com acontecimentos e ganchos para os subsequentes. O apoio na técnica do escritor peruano e um redator de inspirações libertárias, hoje antissocialista declarado, mas no passado admirador da revolução cubana, dão a Padura a sua liberdade para tratar temas, situações, adiantar eventos e retroceder com desenvoltura e perspicácia. O jovem Iván, mesmo crente no socialismo, encontra referência em uma literatura de língua espanhola que não é bem vista e quista pelo Estado cubano. A segunda parte aborda diretamente o assassinato de Trotski, a condição de Ramón, a escritura do livro na Cuba quase falida com seus cidadãos atirando-se ao mar em busca do sonho Miami. A terceira, a única intitulada, chama-se “Apocalipse” e nela reencontramos o assassino em Moscou, as suas conversas com seu formatador Leonid Alexandrovich Eitingon (primeiramente Grigoriev, e com variados pseudônimos; segundo o trajeto para o assassinato de Trotski, ele é Tom, Kotov, Andrew Roberts), a morte de Stalin e a ascensão de Krushchov, a proximidade em partir para Cuba, sua leitura de Trotski na prisão no México durante os vinte anos que esteve detido, a volta da mãe, Caridad, e seus desafetos com

La passionária, que redigia a história oficial da Revolução Espanhola. O capítulo 30 e final celebra o “Réquiem”.

Além de amar cachorros, cada um tem uma mulher marcante em sua vida: Iván se redescobre depois de desquitado ao encontrar Ana e seu poodle “desgrenhado”, quando situa seu medo de escrever um livro sobre Ramón, cuja redação vai encaixotando. Ele não está sob Stálin, mas sob o socialismo e sua sombra, Fidel. Isso o leitor sabe sem precisar ser avisado. Trotski e Natalia, sua esposa, vivem sob a marca de Alexandra Solokovskaia, sua primeira mulher, decisiva em sua escolha revolucionária, e de Frida Khalo, em seu *renascimento* mexicano. Ramón Mercader é um eterno apaixonado pela revolucionária stalinista África, mãe da filha que nunca conheceu, e marcado por Caridad, a mãe burguesa que se torna uma revolucionária intransigente e que o entrega a Leonid Alexandrovich Eitingon para ser a mão de Stalin. Esses homens-personagens estão diretamente colados e inseparáveis de suas mulheres presentes, passadas, carnais, incestuosas ou profissionais. Se Frida Khalo aparece para reascender Trotski dentro de uma

suposta vingança de adultério de Diego Rivera com sua irmã, Caridad, a burguesa convertida, depois de passar pela militância anarquista — no livro associada a delinquentes, incosequentes, prevaricadores, viciados em heroína, no velho clichê de leitura dos anarquistas pelos marxistas, à qual também Padura não se desvencilha —, governa o filho com as mesmas asperezas de África. Resta apenas Iván com sua Ana enferma e os cães, a lhe darem vitalidades para tentar superar o medo, pelo menos voltando a escrever escondido. O livro abre com Iván em 2004, em Cuba, durante o enterro de Ana; Trotski em Alma-Ata, na URSS, a ser degredado para a Turquia, ao lado de sua cachorra Maya; e Ramón, que sempre amou os cães desde criança, com sua tarefa principal: a revolução.

O livro está estruturado para ser lido por meio de intersecções na construção da encruzilhada produzida pelo socialismo marxista. O leitor pode transitar livremente pelos capítulos a respeito de cada personagem, compondo mais três outros livros, o que faz da literatura de Padura um exercício de investigação e exposição inquietante, aos moldes de Llosa. O jovem leitor tem em mãos um

impressionante material para pensar sobre as insistentes renovações do espaço revolucionário convencional e/ou sobre as novas configurações contemporâneas que lhe obriga, não sem dor, mas sem medos, a combater o consenso democrático atual. Menos do que renovar a esperança utópica, está em jogo enfrentar as possibilidades no presente. Se os fins são os mesmos, como apontava Lenin em *O Estado e a revolução* a respeito da proximidade ideológica entre marxistas e anarquistas, segundo Emma Goldman, meios autoritários levam a fins autoritários e meios libertários a fins libertários, distinguindo o que parecia ser uma identidade ideológica nos desdobramentos iniciais da Revolução Russa.

Sair das atuais comodidades democráticas que procuram negociar a política em escala global é mais do que buscar nova formatação da soberania da multidão e consolidar combinações negociadas de perseveranças para ocupar o aparelho de Estado e reformá-lo. Menos do que ajustar anarquistas e marxistas em um diapasão repetitivo de uma retórica paradoxalmente conservadora, é preciso concordar que não basta amar cachorros (nem a flora, fauna,

meio ambiente, os humanos) para nos tornarmos mais e melhor humanos, pois traidores e trapaceiros também sabem amar. Padura encara isso de modo certo. Porém, fundamental também é romper com a ideia de revolução e como ela se cristalizou desde a Revolução Francesa, e não apenas sair em busca dos melhores caminhos a serem perseguidos depois da tomada do Estado (tarefa a que Rosa Luxemburg também se dedicou no ensaio repudiado). De qualquer lado que venha a reação (*no poder, os revolucionários são os melhores conservadores*, como afirma Trotski na abertura da *História da revolução russa*), a revolta sempre será incessante. Há algo na revolta que impede o insurgente de se ajustar e de ser corrigido pela sistemática da cultura do castigo-recompensa. No revoltado não há governo fundado no medo e na esperança, e muito menos a vocação para a morte. E a isso Padura não mostra atenção.

Não há como apartar a revolução moderna das trapaças e traições. É o que lhe *alimenta* assim como à política democrático-burguesa, os fascismos e demais regimes políticos de governo do Estado. O fanatismo identificado é moralmente inaceitável duplamente: pelos superiores sobre

os de baixo e pelos inferiores aos do alto. Hoje, diante do fanatismo islâmico, tenta-se acomodá-lo opondo fundamentalismo violento ao pacífico, reconhecendo-se que o Estado laico também é fundamentalista, porém pacífico, na medida em que busca equacionar conflitos institucionalmente estruturados. Diante do Estado, mesmo democrático, objetiva-se exterminar a erva daninha, como o fez o governo democrático de Barak Obama contra Osama bin Laden. Trapaceiro e traidor, ele serviu aos democratas na guerra do Afeganistão; foi o bajulador e o pérfido.

Cada um desses personagens, que com suas mortes refazem o sentido do Estado e de suas reformas e democratizações, também alimenta o lado sombrio das agônicas relações de poder. Eliminar Trotski não matou o trotskismo; a prisão de Ramón Mercader não modificou o sujeito obsessivo (ainda que, no livro de Padura, a vida de Ramón seja simultaneamente devedora da magnanimidade de Trotski e de sua calculista maneira de preservar a vida do assassino para incriminar Stalin, assim como da leitura de alguns livros sobre o *renegado* na prisão, para Mercader, se hoje ele não o faria, ontem o fez porque devia),

e muito mais do que encaixotar o medo como fez Iván, foi preciso um outro para dar-lhe visibilidade literária, obviamente sob as novas condições de democratização paulatina do socialismo cubano. A crença na liberdade de expressão ainda é a principal arma das democracias ocidentais das Américas e Europa para ajustar autoritarismos, totalitarismos e tudo o que escapar ao seu controle, e por isso mesmo a imprensa das Américas e Europa democráticas sempre se interessaram em publicar críticas de Trotski. Seu objetivo primordial é abafar, conter, evaporar as revoltas. Todavia, estas não pedem licença aos regimes, não precisam de consentimento para a sua livre ação direta.

Poetas e artistas geralmente não estão desconectados do Estado e muito menos do mecenato. Se eles se matam como Maiakowski, também acobertam como fez o embaixador Pablo Neruda protegendo o muralista mexicano David Alfaro Siqueiros, mentor do primeiro atentado a Trotski, no México. Produzem-se, também, os estranhamentos mais que surrealistas entre André Breton e Trotski, ainda que naquela época o francês se posicionasse como comunista antes de se declarar, posteriormente,

anarquista, ou mesmo entre Trotski e o seu anfitrião mexicano Diego Rivera, nos vaivém com Frida Khalo e suspeitas de tentativas de assassinato. Tudo encontra sua finalidade entre medos e esperanças. Contudo, a arte é sempre política quando atravessada por Estados e regimes; sempre o é, de Maiakowski a Neruda, passando por Albert Speer, Leni Riefensthal e os futuristas italianos. O artista precisa ter sua obra reconhecida, assim como as ações políticas dependem do Estado como categoria do entendimento. O filósofo da antiga Königsberg governa, e pouco importa o nome de sua cidade natal, sua identidade, sua inspiração ou talento. Esse assunto somente se resolve ao ritmo de *machadadas* filosóficas. Enquanto isso, sabemos desde as análises bem aprimoradas sobre a política levadas adiante por Errico Malatesta, no interior do fascismo italiano, que regimes totalitários são efêmeros porque promovem a união das forças oponentes sob a batuta dos democratas governamentais. Nem Trotski, Mercader e Iván quiseram olhar por esse ângulo de visão. Pior para os três.

O livro de Padura nos mostra mais que dilemas de nossa época; move a pensar por dentro e por fora da

revolução socialista e da aspiração a ela, ainda que seu exaustivo esforço estivesse em aparar efeitos interiores. Stalin é mais que um homem bruto, deturpador, tirano e maldoso com os seus parceiros revolucionários, aos quais destina mortes ou humilhações palacianas como a que fazia com o presidente do Supremo Soviete. Ele é apenas o efeito aprimorado do que levou à Checa, já em 1917, conduzida por Félix Dzerzhinski, um posterior oponente incisivo de Trotski e de sua Oposição de Esquerda, reorganizada em 1922 como NKSDV – Comissariado do Povo para Assuntos Internos –, e que também transformou a Rússia, em 1923, em URSS. É ainda efeito da criação do Exército Vermelho dos Operários e Camponeses, organizado por Trotski, em 1918, do massacre de Kronstadt em 1921, das disputas

internas após a morte de Lenin durante a Nova Política Econômica, do *intelectualismo* de Bukharin, da revolução conduzida pela vanguarda que culmina na figura do ditador. Contra isso não há revisão possível, apenas sua derrocada como aconteceu com a *glasnost* (em 22 de abril de 1988, prometendo liberdade religiosa) e a *perestroika*, em 1985, capitaneadas pelo ex-diretor da KGB, Mikhail Gorbatchev. E pelo lado de fora, por um capitalismo renovado em direção à sustentabilidade, pautado na racionalidade neoliberal que transforma a força de trabalho em capital humano. O enfrentamento depende dos jovens que estão sendo tragados pelos novos fluxos em afrontar as finalidades contemporâneas capitalistas, democráticas e as dos vestígios do socialismo. Depende de um outro cão, Diógenes.